

Uma quadra, dois comércios

Fotos: Davi Zocoli

No final da Asa Norte, a 116, com suas duas áreas comerciais, uma de cada lado, confunde o consumidor na hora de encontrar um endereço

Siglas e números compõem o endereço padrão das quadras do Plano Piloto. Para quem vem de fora, a confusão é certa. É difícil para os "estrangeiros" entender a nomenclatura pouco utilizada em outras partes do Brasil. O brasiliense, porém, costuma tirar de letra a inusitada combinação e sempre chega ao seu destino. Bem, quase sempre. Quando alguma coisa foge ao padrão, a situação pode se complicar e causar algumas dúvidas.

Que o digam os comerciantes da 116 Norte, uma das poucas quadras em Brasília a dispor de duas áreas comerciais. De um lado, na divisa com a 115 Norte, está a entrequadra tradicional; de outro, próximo ao Setor Hospitalar, uma proposta inovadora. Uma das comerciais já deslanhou, é completa e básica, além de apresentar algumas especialidades. A outra, porém, ainda busca uma aproximação com o brasiliense.

Para os moradores da ponta da Asa, sem dúvida, é uma vantagem contar com algumas opções a mais. A duplidade no endereço, porém, cria problemas para o brasiliense, que tem dificuldade de assimilar a novidade. Difícil, por exemplo, entender que a comercial da 116 Norte tem nove blocos. Quatro - do A ao D - ficam na divisa com a 115. Outros cinco - do E ao I - ficam do outro lado, vizinhos ao Setor Hospitalar.

Algumas tentativas para esclarecer o consumidor têm sido feitas. A tendência é sempre procurar primeiro a entrequadra 115/116 Norte, pois muita gente sequer sabe da existência da outra comercial.

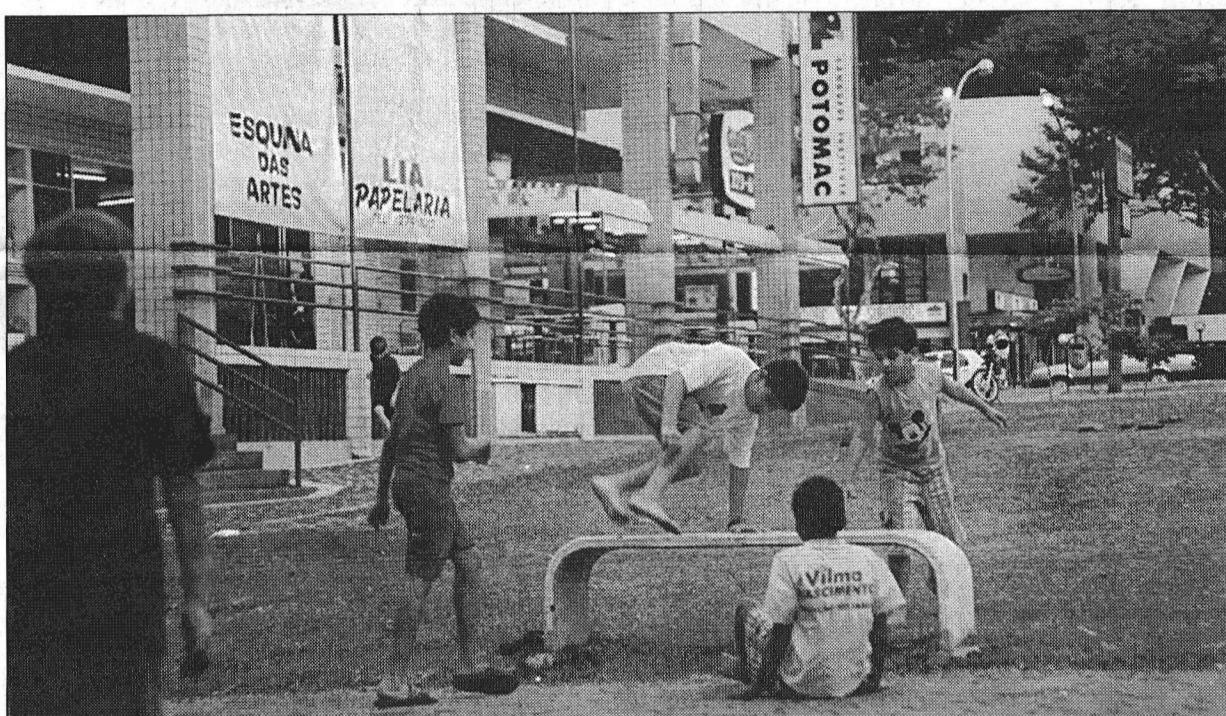
A seqüência dos blocos, aparentemente, não adiantou. Hoje, é comum os comerciantes dos blocos E e I apresentarem como endereço a sigla SHCN 116, ou seja, Setor Hospitalar Comercial Norte. Mas, como contam os próprios comerciantes, a rua recebe também outras denominações, como 116 do Setor Hospitalar, 116 da Rua dos Hospitais ou, ainda, Nova 116. "Aqui, é a periferia da Asa", diz Joenil Diniz de Melo, da Drogaria e Perfumaria Vitória, que fica do lado próximo ao Setor Hospitalar.

Segundo ele, o movimento é pequeno no local, especialmente porque passam poucos pedestres pela rua - o trânsito maior é de automóveis. Mesmo os moradores da quadra não aparecem muito na comercial. Eles preferem, em geral, ir direto à entrequadra 115/116, onde encontram uma maior variedade. Para o farmacêutico Daniel José dos Santos, que passa o dia inteiro na drograria, seria preciso incrementar o fluxo de pessoas na comercial com a instalação de algumas lojas âncoras, que incentivem a procura.

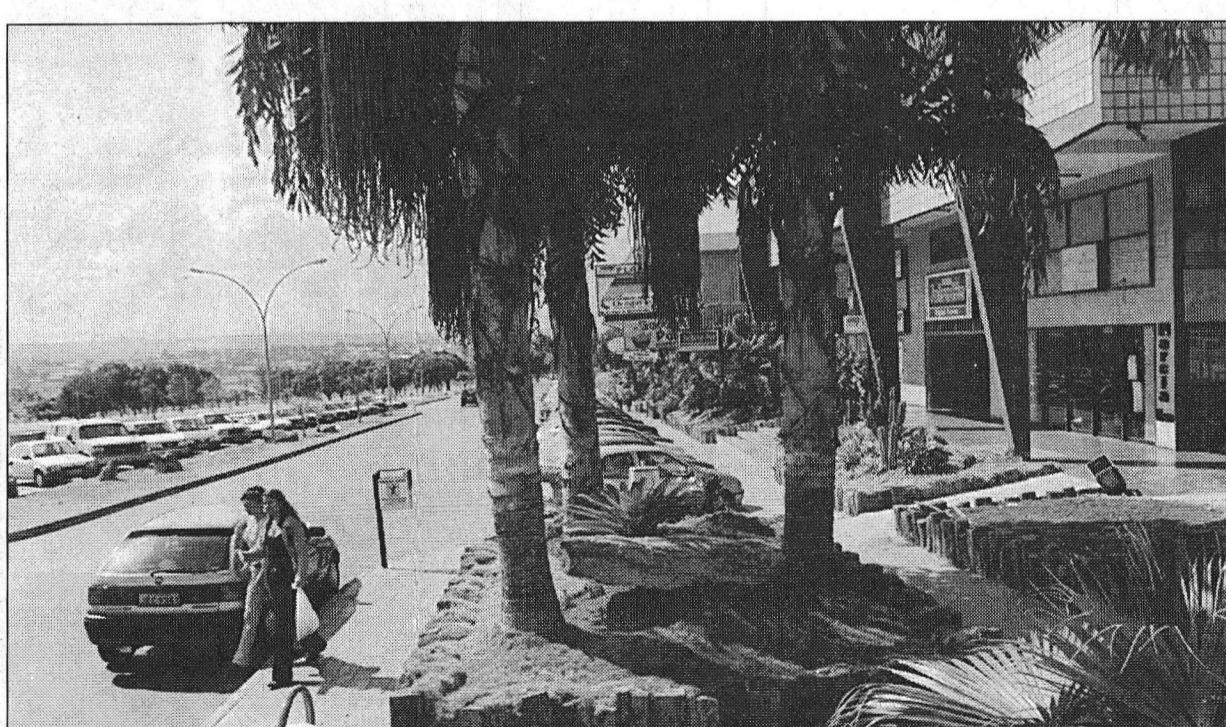
NELZA CRISTINA
Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA



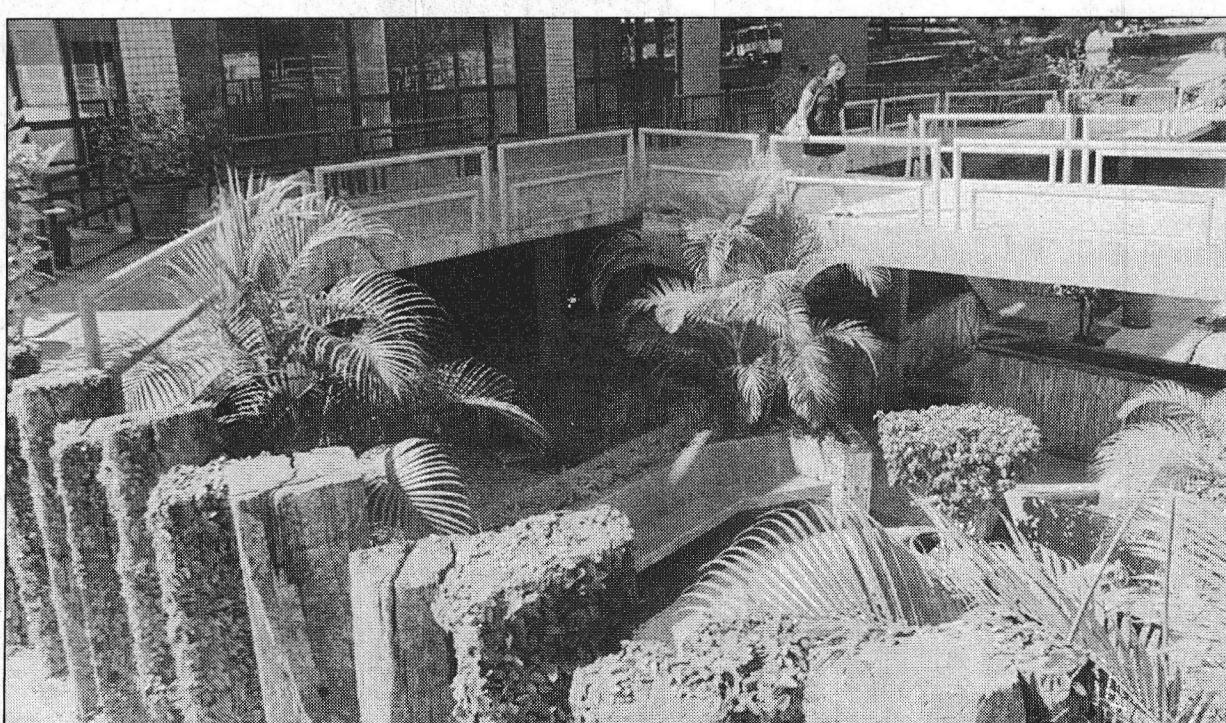
A comercial tradicional, na entrequadra, é básica, completa e oferece algumas especialidades



Tanto a parte da frente quanto a de trás da entrequadra são repletas de lojas as mais variadas



A outra comercial, do outro lado da 116 Norte, ainda não emplacou e confunde os consumidores



A chamada Nova Comercial tem belos jardins e foi projetada para ser uma espécie de shopping aberto

A hora de deslanchar

A expectativa é grande. Os comerciantes da nova 116 estão ansiosos, aguardando a chegada de um novo empreendimento, que esperam venha movimentar a comercial, resultando em benefícios para todos. A iniciativa é do próprio grupo Caenge, que está preparando várias lojas no subsolo para instalação do Centro de Reabilitação Cardiovascular e Ortopédica.

Segundo Fábio Aurélio Branco Gonçalves, coordenador geral de projetos de academias (a Caenge é proprietária da Fit 21), o centro funcionará como uma academia da terceira idade e como academia aberta para personal trainer (treinador pessoal). O projeto é grande e não tem prazo para estar totalmente concluído. A primeira fase deverá ser inaugurada em novembro se as obras continuarem como o programado. "Se não for possível abrir em novembro, então iremos adiar para janeiro", explica Gonçalves.

Nesta primeira fase, com 800 metros quadrados de área construída, prevalecerá o trabalho de hidroterapia. Serão feitas quatro ou cinco piscinas onde profissionais especializados trabalharão com reabilitação e hidroginástica. O centro, quando totalmente concluído, ocupará os subsolos dos três blocos da Caenge — uma área total de mais de três mil metros quadrados. As obras serão feitas em três etapas.

Gonçalves estima que algo entre 700 a 800 pessoas utilizarão os serviços do centro: "É diferente de uma academia, onde se conta com cerca de dois mil alunos. No centro de reabilitação, o serviço será individualizado e, portanto, mais caro, o que acaba reduzindo o número de atendimentos".

Ele explica que serão contratados somente profissionais especializados de todas as áreas necessárias, inclusive médicos que prestarão serviços bem personalizados. Gonçalves acredita que serão formados grupo de, no máximo, quatro pessoas em determinadas atividades. Ele está confiante de que o empreendimento tem tudo para dar certo. "Hoje em dia, quem tem esse tipo de serviço específico é o Hospital Sarah Kubitschek e é muito concorrido, tornando a espera muito grande. Outros locais têm algo semelhante, mas é muito amador", avalia.

Para Gonçalves, o projeto atrairá em todos os sentidos. Ele destaca que muita gente não gosta de freqüentar o ambiente hospitalar e encontrará no centro um espaço bem diferenciado, "com concepção de academia, ambiente saudável, pessoas bonitas e profissionais gabaritados e até com serviço de vans à disposição".

Os comerciantes esperam incrementar as vendas, ainda, com a instalação de uma agência do Banco do Brasil na comercial. O banco já teve funcionando ali um posto de serviço, mas, segundo sua assessoria de imprensa, entendeu que a região comportaria uma agência e deu início a uma reforma. A instalação de uma agência, porém, é mais complexa, dependendo inclusive de autorização do Banco Central. Os comerciantes, portanto, terão que ter alguma paciência, pois não há, por enquanto, qualquer previsão para a inauguração. (N.C.)

Amanhã: Os comerciantes, seus negócios e dificuldades